

# Estratégias para Inclusão Social e Digital na Educação de Jovens e Adultos

Matheus Augusto Mendes Amparo  
Prefeitura de Presidente Prudente, SP, Brasil

Klaus Schlünzen Junior  
Faculdade de Ciências e Tecnologia da Unesp,  
Presidente Prudente, SP, Brasil

Camila Rodrigues Costa  
Faculdade de Ciências e Tecnologia da Unesp,  
Presidente Prudente, SP, Brasil

**Resumo:** Este artigo é um recorte de pesquisa de mestrado realizada entre os anos de 2013 e 2014 que teve como objetivo analisar as possíveis contribuições de um programa de intervenção em informática na Educação de Jovens e Adultos (EJA), tendo em vista o desenvolvimento da inclusão social e digital dos educandos. No presente artigo, apresentamos as estratégias de ensino desenvolvidas que compuseram o programa de intervenção que teve como meta o desenvolvimento da Inclusão Social e Digital de estudantes do primeiro segmento de uma sala de EJA de uma escola municipal da cidade de Presidente Prudente-SP. Participaram do estudo cinco estudantes, de ambos os sexos, com idades entre 26 e 63 anos. Para coleta de dados foram utilizadas entrevista, formulário e

observação participante por meio de uma pesquisa de cunho interventiva. Os dados coletados foram analisados pela análise de conteúdo. As estratégias desenvolvidas que compuseram o programa de intervenção foram fundamentais e contribuíram no processo de aprendizagem dos estudantes e colaboraram, ainda que de forma inicial, para a inclusão social e digital dos sujeitos da pesquisa.

**Palavras chave:** Educação de Jovens e Adultos; Informática na Educação; Inclusão Social e Digital.

**Abstract:** This article is an excerpt of a master's research conducted between 2013 and 2014 that aimed to analyze the possible contributions of an intervention program in computer in Youth and Adult Education, concerning the development of social and digital inclusion of students. In this article, we present the teaching strategies developed for the intervention program which aimed to the development of Social and Digital Inclusion of students in the first segment of a Youth and Adult Education classroom of a municipal school in Presidente Prudente, São Paulo. 5 students, of both sexes and aged between 26 and 63 years participated of the study. For data collection, it was used the interview, a form and participant observation by an interventional research. The content analysis was used to analyze the data collected. The strategies developed that composed the intervention program were essential and helped in the learning process of students and contributed for social and digital inclusion of the research participants.

**Keywords:** Youth and Adult Education; Computing in education; Social and Digital Inclusion.

## Introdução

A partir do século passado, começamos a viver sob nova configuração social chamada de sociedade da informação e do conhecimento, originada a partir da representação da informação em forma digital e do avanço da internet (VALENTE, 1999; CASTELLS, 2000; TAKAHASHI, 2000).

Essa nova configuração, de acordo com Barreto (2005), ocasionou uma reorganização da cultura mundial, em relação à comunicação, além de trazer transformações nos meios tecnológicos, organizacionais, geopolíticos, comerciais e financeiros, institucionais, culturais e sociais, que têm culminado para a passagem de uma cultura analógica à digital.

As mudanças advindas com as tecnologias em decorrência da globalização, também alteram as relações tradicionais de ensino, visto que as demandas da sociedade contemporânea não exigem apenas sujeitos que saibam ler e escrever, mas que compreendam as diversas linguagens, como, por exemplo, a computacional (PERRENOUD, 1999).

Contudo, há de se considerar que nas famílias de classe média alta, muitos dos adolescentes possuem contato prévio com os recursos tecnológicos, desde o período da infância, o que se pode considerar que a chamada geração Y tem maiores possibilidades de estar incluída digitalmente.

Então, questionamo-nos: e os jovens que não tiveram as mesmas oportunidades de acesso a esses recursos tecnológicos? Será que os adultos e idosos que nasceram em uma época onde as tecnologias ainda não eram tão presentes possuem a mesma oportunidade de acesso às tecnologias? Até que ponto a falta de acesso pode ocasionar um quadro de exclusão social e digital e, ainda, quais os impactos em suas vidas nos âmbitos, social, pessoal e profissional?

Nessa perspectiva, a modalidade de ensino de Educação de Jovens e Adultos (EJA), pode se configurar como um local capaz de diminuir o quadro de exclusão ao oportunizar o acesso às tecnologias para as pessoas

que se encontram em uma situação de exclusão pelo fato de não saberem ler e escrever ou por não possuírem um diploma da educação básica. Contudo, Pellanda, Schlünzen e Schlünzen Junior (2005) dizem que a inclusão digital não deve se referir meramente ao ato de distribuir ou facilitar o acesso às tecnologias digitais, pois a disponibilidade desta não garante que, de fato, as pessoas estejam apropriadas ao uso das tecnologias.

Todavia, existem ainda muitas unidades escolares que não possuem acesso à internet e equipamentos tecnológicos. Além disso, um dos fatores limitantes ao uso das tecnologias no ambiente escolar é a dificuldade dos professores e, em alguns casos, o fato de não saberem ou não quererem utilizar tais instrumentos, dificultando ainda mais a inclusão digital nestes casos (LOPES, 2011).

Contudo, mesmo com a existência de diversos programas, leis e locais com infraestrutura adequada, é preciso compreender que as tecnologias por si só não promovem a inclusão. São necessárias estratégias e a presença de um professor nos casos em que o estudante não consegue fazer o uso das tecnologias sozinho.

Nessa perspectiva, Pellanda (2005) aponta que:

[...] É preciso pensar em estratégias de inclusão digital não estreitamente ligadas a adestramentos e acesso a serviços, mas estratégias ampliadas de inclusão social mediante uma cultura digital com todo o potencial que esse espaço tem para expandir o humano, expandindo o conhecimento e a consciência (PELLANDA, 2005, p. 43).

Deparamo-nos, então, com a seguinte indagação: quais estratégias de ensino podem compor um programa de intervenção a favor da Inclusão Social e Digital na EJA?

Esse foi um dos questionamentos que motivaram a realização de uma pesquisa de mestrado no período de 2013 e 2014, intitulada *Informática na Educação de Jovens e Adultos: análise de um programa de*

*intervenção a favor da Inclusão Social e Digital*. Sendo assim, neste artigo apresentaremos um recorte contendo as estratégias para Inclusão Digital, desenvolvidas ao longo do programa de intervenção.

## Metodologia

A pesquisa foi realizada com estudantes do primeiro segmento de uma sala de EJA de uma escola municipal da cidade de Presidente Prudente-SP. Foi utilizada a abordagem qualitativa e, em relação aos procedimentos técnicos, designou-se como sendo uma *pesquisa-intervenção*, a qual tem por objetivo contribuir para a superação de um problema em comum para um determinado grupo de pessoas por meio de ações (intervenções) desenvolvidas pelo investigador (DAMIANI, 2012).

Com relação aos procedimentos metodológicos, no início do ano de 2013, foi enviada uma carta para a Secretária de Educação do município, solicitando a autorização para a realização da pesquisa na escola, que posteriormente teve o parecer positivo. Em seguida, foi agendada uma reunião com a diretora, com a professora da sala de EJA e com os estudantes para que a pesquisa fosse apresentada, sanadas as dúvidas e assinados os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido, no caso dos estudantes que aceitaram participar do estudo. Após o consentimento dos participantes, a pesquisa teve início e o seu desenvolvimento ocorreu em três fases.

Na primeira fase, foi utilizado o formulário e a entrevista como instrumentos para coleta dos dados. O objetivo da aplicação do formulário e da realização da entrevista foi identificar os conhecimentos iniciais dos educandos em relação à informática, bem como os interesses pela EJA e pelas tecnologias.

A segunda fase consistiu no desenvolvimento de um programa de intervenção que teve como principal objetivo o desenvolvimento da inclusão social e digital a partir do uso de recursos tecnológicos como

computador, celular, objetos de aprendizagem, processador de texto, entre outros. Todas as intervenções contaram com o registro em diário de campo, onde foram registrados os momentos da intervenção, considerando aspectos como: a participação dos estudantes, receptividade dos alunos diante do recurso utilizado, bem como sua potencialidade.

Na terceira fase, foi aplicado novamente o formulário e realizada uma nova entrevista. O objetivo foi identificar quais eram os conhecimentos dos educandos a respeito da informática após o desenvolvimento do programa de intervenção e quais eram as suas opiniões e impressões ao final do estudo.

Os dados coletados na entrevista foram analisados sob o viés da análise de conteúdo, conforme proposto por Bardin (2011). Os dados do formulário foram analisados a partir da comparação entre o inicial e o final e a discussão com a literatura.

## Resultados

Ao longo das intervenções, foram desenvolvidas diferentes estratégias de ensino para a superação das dificuldades que perpassaram o encaminhamento de algumas atividades e/ou impediram a realização de outras.

A seguir, apresentamos as principais estratégias desenvolvidas que compuseram o programa de intervenção e que podem ser mais uma opção de apoio ao professor no trabalho com estudantes da EJA:

### Atenção às especificidades físicas do adulto e idoso

Sabe-se que a EJA é formada por indivíduos de diversas idades e, sendo assim, é preciso atentar-se às especificidades de cada sujeito, já que

as dificuldades que um adulto de 25 anos tem no processo de aprendizagem é diferente daquelas apresentadas por um idoso com 70 anos.

Apresentamos a seguir as principais dificuldades de ordem física dos estudantes com idades mais avançadas que foram observadas durante o desenvolvimento do programa de intervenção e as estratégias de ensino utilizadas como mais uma possibilidade de apoio à prática docente.

### *Coordenação Motora*

A coordenação motora é a capacidade que temos de controlar de forma coordenada os movimentos advindos da relação entre as articulações e músculos com o cérebro. Desse modo, por meio dela é possível realizarmos movimentos específicos e delicados (PELLEGRINI et al., 2010), também denominados coordenação motora fina, que, segundo Pellegrini et al. (2010, p. 181), são “aqueles que requerem muita precisão, envolvem principalmente os membros superiores, em específico as mãos. Um grande número de músculos, relativamente pequeno é ativado na execução destas habilidades.”

No decorrer das intervenções foi perceptível a dificuldade em relação à coordenação motora de alguns educandos, principalmente quanto ao manuseio do *mouse*. Para tanto, a estratégia adotada pelo pesquisador foi sentar ao lado do estudante e, segurando em sua mão, fazer os movimentos junto com ele. A partir da ação do pesquisador, observamos que as dificuldades do educando aos poucos foram minimizadas.

Outra estratégia adotada foi o uso de programas para favorecer a compreensão de como movimentar o *mouse*, a partir do movimento das mãos e do uso de outros recursos, como, por exemplo, a exploração do programa de desenho *Tux Paint* no *Linux* Educacional, o *Paint* no sistema *Windows* ou outro semelhante e também o *software* GCOMPRIS, que possui atividades que proporcionam o treinamento de tais movimentos para facilitar o manuseio. Além da adoção de estratégia de ensino,

sugere-se a necessidade de estar atento às necessidades e manifestações de cada estudante durante o desenvolvimento da tarefa proposta.

### *Visão*

Geralmente o ser humano a partir dos 40 anos de idade começa a sofrer perda da visão de perto. Além disso, tem mais chances de desenvolver a catarata, uma doença que gera opacidade total ou parcial no cristalino, causando a perda gradativa da visão (KACHAR, 2003).

Durante as intervenções, foi notória a dificuldade que alguns sujeitos tinham ao tentar ler o que estava escrito no monitor. Todavia, vale destacar que essa condição também está relacionada ao fato de algumas letras terem configuração pequena em determinados programas de computador.

Desse modo, a estratégia adotada, quando possível (devido à funcionalidade de um programa), era aumentar o *zoom* para que os estudantes pudessem ter uma melhor visualização do que estava apresentado na tela. Além disso, outra estratégia utilizada pelo pesquisador foi aumentar o tamanho da fonte no processador de texto, quando possível.

Nesse sentido, sugere-se que o educador esteja atento a qualquer indício de dificuldades relacionadas à visão.

### *Memória*

Segundo Stella (2006), as pessoas em idade mais avançada podem apresentar problemas em recordar conteúdos aprendidos recentemente, mesmo quando tenha sido explicado de maneira eficaz.

Nesse sentido, observamos durante as intervenções que, de fato, muitos indivíduos apresentavam dificuldade para lembrar procedimentos que foram ensinados em intervenções realizadas em um intervalo de poucos dias, como por exemplo, ligar o computador. Nesse caso, a estratégia adotada foi a repetição do procedimento em mais intervenções, a

fim de que os estudantes pudessem memorizar e, por conseguinte, terem autonomia na realização desta ação.

Outro aspecto observado é a necessidade de não realizar intervenções com tempo muito prolongado e com uma gama de conteúdos densos. A partir do programa de intervenção, foi possível concluir que utilizar um volume intenso de informações dificulta a compreensão e a realização da atividade, pois cada aluno aprende e realiza a atividade no seu ritmo.

Atenção ao nível de leitura e escrita

Segundo Warshauer (2003), o domínio sobre a leitura e a escrita é essencial para a prática das tecnologias na educação, já que um indivíduo que possui dificuldades não conseguirá, por exemplo, identificar ícones, menus e ler outras informações contidas na tela.

Nessa perspectiva, observamos em algumas intervenções que determinados sujeitos apresentavam dificuldade para ler e escrever, em especial S1, cujo conhecimento limitava-se à escrita do seu nome.

Desta forma, uma das estratégias utilizadas pelo pesquisador foi adequar a atividade partindo de tarefas com pequeno grau de dificuldade e aos poucos estimular conceitos relacionados ao aprendizado da leitura e escrita por meio do uso das tecnologias. Outra estratégia funcional foi a divisão da turma em duplas, pois observou-se que, por meio da interação com os demais colegas que se encontram em um nível maior em relação à alfabetização o aprendizado do estudante com dificuldade era potencializado. Assim, o pesquisador teve a possibilidade de atender os demais estudantes.

Essa estratégia possibilita ao professor a participação de todos os educandos, independentemente do nível em que o estudante se encontra, para que assim possam evoluir gradativamente com o conteúdo.

## Atenção aos interesses pessoais e profissionais dos educandos

Antes de iniciarmos as intervenções, realizamos uma entrevista para identificar os interesses e as necessidades a respeito da EJA e das tecnologias. Os dados coletados foram fundamentais para o planejamento das atividades que compuseram o programa de intervenção.

Esta estratégia foi fundamentada na pedagogia Freireana, que esclarece que antes de iniciar qualquer trabalho pedagógico, o educador deve selecionar os conteúdos a partir do universo temáticos advindos dos educandos.

Tal fato não anula os objetivos propostos inicialmente pelo educador, pois a intenção é unir os conteúdos a serem trabalhados com os estes interesses apresentados pelos educandos para que haja a criação de um ambiente favorável à construção do conhecimento.

Ao longo das intervenções, observamos que tais motivações foram confirmadas, uma vez que foi evidente a satisfação dos sujeitos pela possibilidade de visualizar vídeos sobre a prova escrita do Departamento Estadual de Trânsito (Detran) para a aquisição da Carteira Nacional de Habilitação (CNH), por exemplo. Além disso, foram observadas no decorrer das intervenções, outras manifestações de interesses dos educandos, como por exemplo, acessar o bate-papo.

A partir dessa experiência, sugere-se que ao iniciar qualquer prática com o uso das tecnologias na EJA, o educador realize um levantamento junto aos estudantes e, além disso, fique atento a essas manifestações, visto que conforme os educandos participam do processo de construção do conhecimento, eles formulam hipóteses e vislumbram possibilidades que nem sempre foram pensadas *a priori* pelo educador e que são importantes para serem agregadas ao planejamento das atividades.

## Atividades contextualizadas e acessíveis

Após as intervenções, percebeu-se a necessidade de utilizar diversos recursos para possibilitar e estimular a aprendizagem dos estudantes da EJA, visto que cada um se encontrava em um nível diferente em relação à aquisição de conhecimentos. Neste sentido, a estratégia adotada foi pesquisar e selecionar diversos recursos, como *softwares* específicos para atender às necessidades de cada educando.

Nessa perspectiva, é fundamental pensar em atividades com o uso das tecnologias que sejam contextualizadas com a realidade da turma. Segundo Aires e Lambach (2010), a contextualização busca por meio das experiências pessoais, sociais e culturais, tornar o processo de ensino e aprendizagem signficante para os educandos. Além disso, também possibilita compreender o significado do conhecimento a partir do contexto que eles vivem.

Assim, a estratégia adotada foi à elaboração da atividade sobre a digitação de listas, cuja temática foram os itens que deveriam conter em uma *Lista de compras* de supermercado. Essa ação possibilitou a aproximação aos interesses dos alunos e a possibilidade de utilizar o computador como um recurso facilitador para atividades rotineiras. Outra atividade estratégica foi a elaboração do currículo por meio da digitação no processador de texto.

Contudo, vale resaltar que em algumas intervenções foram utilizados recursos destinados ao público infantil, devido à falta de recursos específicos para a EJA. No entanto, durante o planejamento buscou-se selecionar atividades mais próximas da linguagem adulta a atividades com caráter infantil.

Outro cuidado realizado durante a escolha dos recursos foi quanto ao seu *design* e funcionalidades, pois observamos que nem sempre um recurso mais chamativo é o que proporcionará melhor aprendizagem.

Além disso, outro cuidado adotado foi quanto à escolha do jogo ou *software* educacional. Observamos que é importante, se possível, optar por aqueles que possuem recursos de acessibilidade, como audiodescrição, lupa e Libras, tendo em vista que muitos sujeitos que frequentam a EJA possuem alguma necessidade. Esses recursos podem vir a corroborar a participação e a inclusão de todos.

### Acompanhamento e afetividade

Observamos que os estudantes da EJA apresentam, em alguns casos, decepções devido ao sentimento de estarem excluídos socialmente, principalmente por não terem tido a oportunidade de serem escolarizados na idade considerada adequada. Muitos apresentam como característica a desmotivação, o sentimento de incapacidade e baixa autoestima, características que têm como consequências a dificuldade de aprendizagem. Para minimizar esse quadro, Cunha (2008, p. 44) aponta que:

O ponto de partida de qualquer trabalho pedagógico deve ser a emoção. Como vimos, a emoção do aprendente apropria-se do que será apreendido e, desta forma, o afeto atua no início do processo de aprendizagem para canalizar a atenção e no final para ajudar a memória no resgate das informações.

Todavia, ao utilizar as tecnologias, esses sentimentos podem ser amenizados, já que quando há qualquer erro ou insucesso, esses estudantes podem desanimar facilmente ou até pensar em desistir.

Ao longo das intervenções, identificamos diversos exemplos destas manifestações presentes nas falas dos estudantes, como por exemplo:

[...] é muito difícil mexer, eu não vou conseguir (S1) ou

[...] isso não é para mim não, eu já to velho (S7). (informação verbal) <sup>1</sup>

Nesses momentos, a estratégia utilizada foi estimular o desenvolvimento da afetividade, mediante uma proximidade maior do pesquisador em relação aos educandos e o acompanhamento de cada uma das suas manifestações, como medos e inseguranças. Além disso, o pesquisador utilizava palavras de incentivo, a fim de motivá-los a prosseguir e a não abandonar a EJA.

Outro aspecto relevante foi à parceria estabelecida com a educadora, uma vez que sua presença em algumas intervenções possibilitou além do planejamento o acompanhamento mais próximo dos estudantes durante a realização das atividades.

## Considerações finais

A realização desta pesquisa foi motivada pela importância do desenvolvimento da inclusão social e digital para os educandos que frequentam a EJA, uma vez que, fazem parte de uma população que precisa ser considerada justamente em razão desta trajetória de exclusão e privação (CURTO, 2009).

Diante disso, as estratégias utilizadas foram fundamentais para que pudéssemos contribuir para a aprendizagem e para o desenvolvimento, ainda que inicial, da inclusão social e digital dos sujeitos da pesquisa.

Além disso, acreditamos que estas estratégias poderão constituir-se como mais uma possibilidade de material de apoio para subsidiar a prática de educadores e pesquisadores no que tange o trabalho da informática na EJA, além disso, espera-se que mais estudos sejam desenvolvidos na área e que a presente pesquisa possa contribuir nesse sentido também.

## Referências

AIRES, J. A.; LAMBACH, M. Contextualização do ensino de Química pela problematização e alfabetização científica e tecnológica: uma possibilidade para a formação continuada de professores. *Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências*, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, v. 10, n. 1, 2010.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011. 229p.

BARRETO, A. M. Informação e Conhecimento na era Digital. *Transinformação*, Campinas, v. 17, n. 2, p. 111-122, mai/ago., 2005.

CASTELLS, M. A. Era da informação: economia, sociedade e cultura. In: CASTELLS, M. A. *A Sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CUNHA, E. *Afeto e aprendizagem*. Rio de Janeiro: Walk, 2008.

CURTO, V. Trabalhando com o computador na EJA: uma análise dos relatos das práticas em meio digital com jovens e adultos. In: ENCONTRO NACIONAL SOBRE HIPERTEXTO, 3., 2009, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <<http://nehte.com.br/hipertexto2009/anais/p-w/trabalhando-com-o-computador-na-eja.pdf>>. Acesso em: 19. jan. 2016

DAMIANI, M. F. *Sobre pesquisas do tipo intervenção*. ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO, 16., 2012, Campinas. *Anais ...* Campinas: Unicamp, 2012. Disponível em: <<http://goo.gl/CNkyLq>>. Acesso em: 19 jan. 2016.

KACHAR, V. *Terceira idade e informática: aprender revelando potencialidades*. São Paulo: Cortez, 2003.

LOPES, J. S. S. *Concepções de docentes da educação tecnológica sobre o uso das TIC*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2011.

PELLANDA, N. M. C.; SCHLÜNZEN, E. T.; SCHLÜNZEN JUNIOR, K. (Org.). *Inclusão digital: tecendo redes afetivas/cognitivas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

PELLANDA, N. M. C. O sentido profundo da solidariedade. In: PELLANDA, N. M. C.; SCHLÜNZEN, E. T. M.; SCHLÜNZEN JUNIOR, K. (Org.). *Inclusão Digital: tecendo redes afetivas/cognitivas*. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2005.

PELLEGRINI, A. M.; SOUZA NETO, S.; BUENO, F. C. et al. *Desenvolvendo a coordenação motora no ensino fundamental*. 2010. Disponível em: <[www.unesp.br/.../Desenvolvendo%20a%20coordenacao%20motora...](http://www.unesp.br/.../Desenvolvendo%20a%20coordenacao%20motora...)>. Acesso em: 28. nov. 2014.

PERRENOUD, P. *Construir as Competências desde a Escola*. Porto Alegre, Artmed Editora, 1999.

STELLA, F. Funções cognitivas e envelhecimento. In: PY, Ligia et al. *Tempo de Envelhecer: percursos e dimensões psicossociais*. Holambra, São Paulo: Editora. Setembro, 2006.

TAKAHASHI, T. (Org.). *Sociedade da Informação no Brasil: Livro Verde*. Brasília: MCT, 2000.

VALENTE, J. A. (Org.). *O computador na sociedade do conhecimento*. Campinas: UNICAMP/NIED, 1999.

WARSCHAUER, M. *Technology and social inclusion: rethinking the digital divide*. Massachusetts: MIT Press, 2003.

## Sobre os autores

Matheus Augusto Mendes Amparo é mestre em Educação pela Unesp. Professor supervisor de projeto na área de Educação Especial do PIBID para o curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Unesp, Presidente Prudente. Professor do Atendimento Educacional Especializado da Prefeitura de Presidente Prudente. Integrante do grupo de pesquisa Ambientes Potencializadores para Inclusão (API).

E-mail: [matheus\\_mendes17@hotmail.com](mailto:matheus_mendes17@hotmail.com)

Klaus Schlünzen Junior é doutor em Engenharia Elétrica pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professor livre-docente da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Unesp, Presidente Prudente. Coordenador do Núcleo de Educação a Distância da Unesp, São Paulo. Integrante do grupo de pesquisa Ambientes Potencializadores para a Inclusão (API). Ainda, mantém atuação profissional na Prograd/Unesp, Capes, MEC, Reitoria/Unesp, Fundunesp e Abruem.

E-mail: [klaus@fct.unesp.br](mailto:klaus@fct.unesp.br)

Camila Rodrigues Costa é Especialista em Educação Especial e Inclusiva pela Unimar. Integrante do grupo de pesquisa Deficiências Físicas e Sensoriais (Unesp, Marília) e do Grupo de Estudos e Pesquisa em Inclusão Escolar, Tecnologia Assistiva e Atividade Motora Adaptada (Unesp, Presidente Prudente).

E-mail: [r.camilacosta@gmail.com](mailto:r.camilacosta@gmail.com)

Recebido em maio de 2015

Aprovado em maio de 2015

## Notas

- 1 Fala de sujeitos da pesquisa *Informática na Educação de Jovens e Adultos: análise de um programa de intervenção a favor da Inclusão Social e Digital* (2014). <[RETORNAR PARA O TEXTO](#)>

Este artigo foi selecionado durante o 5º Simpósio de Educação Inclusiva e Adaptações (SEIA) e o 3º Simpósio Internacional de Educação a Distância (SIEaD). Evento realizado em Presidente Prudente-SP, na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Unesp, de 24 a 27 de maio de 2015. O simpósio foi promovido pelo Centro de Promoção para a Inclusão Digital, Educacional e Social (Cpides) da Unesp.

